

Brasil e bancos fecham acordo da dívida

externa

Depois de três anos de negociações, dívida externa ganha acordo de redução e reestruturação

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Um esforço de quase três anos de duras negociações realizadas em meio às turbulências da era Collor e de cinco trocas do titular do Ministério da Fazenda, culminará hoje, em Nova York, com a assinatura de um acordo de redução e reestruturação da dívida externa privada brasileira. O evento também encerrará um capítulo de quase 12 anos de frustrações e desentendimentos entre o Brasil e a comunidade financeira internacional.

O presidente do Banco Central, Pedro Malan, que formulou a estratégia de negociação com os bancos e comandou sua execução, estará em Nova York para supervisionar o ato que colocará o acordo em vigor — a troca dos instrumentos da dívida velha pelos da dívida renegociada. Não está prevista nenhuma cerimônia. A efetivação do acordo será anunciada por meio de um comunicado à imprensa, seguida talvez — ainda a confirmar — de uma breve entrevista de Malan e do vice-presidente do Citibank, William R. Rhodes, o condutor dos entendimentos do lado dos bancos.

Fontes oficiais brasileiras e do comitê de bancos credores disseram ontem não acreditarem que o especulador norte-americano, Kenneth Dart, dono de 3,5% da dívida brasileira, tentará bloquear a conclusão do acordo. Se ele agir dessa maneira, observaram, provocará uma queda ainda maior de seus aproximada-



Luiz Antonio/AE

Malan, o estrategista da renegociação brasileira: prontidão

mente US\$ 1,4 bilhão em títulos brasileiros, que sofreram forte desvalorização nos últimos 45 dias vítimas do massacre que a alta da taxa de juros nos EUA provocou no mercado secundário da dívida.

O BC continua com as portas abertas para os Dart, indicou Malan no início da semana em Guadalajara, onde representou o Brasil na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento. "Mas também estará preparado para responder caso ele ataque", acrescentou. Um pelotão de advogados do BC e do comitê de bancos envolvidos em eluci-

dar a miríade de detalhes técnicos do acordo está de prontidão.

Opção — Principal fabricante de produtos de isopor dos Estados Unidos, Dart comprou os papéis brasileiros com deságio de mais de 70% sonhando em ganhar centenas de

milhões de dólares com sua valorização. Ele fez uma opção inicial pelos bônus de capitalização, um dos seis instrumentos de refinanciamento oferecidos pelo Brasil, e se recusa há meses a aceitar os termos finais da renegociação já subscritos pelos demais credores (mais de 750). Todos concordaram em fazer uma segunda opção, que estava prevista nos contratos, e colocar pelo menos 35% de seus ativos nos bônus de desconto.

Perguntado sobre a intenção de seu cliente, o advogado de Dart em Nova York, Martin London, fez mistério. "Nenhum comentário", disse ele. Embora o especulador norte-americano seja um personagem peculiar — recentemente ele trocou a cidadania dos Estados Unidos pela de Belize e transferiu sua residência para o pequeno país da América Central para deixar de pagar Imposto de Renda a Washington como pessoa física — executivos financeiros disseram ontem que Dart não rasga dinheiro nem bebe água fervendo. Dai a confiança na conclusão do acordo.

Por via das dúvidas, nos últimos dias, o BC tomou várias precauções para imunizar ativos externos no País contra uma eventual tentativa

LONGO CAMINHO

Perfil da renegociação

Total renegociado - US\$ 52 bilhões

Total coberto pelos novos bônus - US\$ 35 bilhões

Total a ser transformado em novo empréstimo - US\$ 3,8 bilhões

Total de juros atrasados - US\$ 6,3 bilhões

Prazo para pagamento - até 30 anos dependendo do título ou contrato escolhido

Desconto obtido - US\$ 4,3 bilhões de imediato, podendo atingir US\$ 7 bilhões, conforme a evolução das taxas de juros internacionais

Títulos oferecidos aos bancos

1 - Bônus de desconto - abatem US\$ 0,35 (35%) de cada dólar devido e renegociado por meio desses títulos. Têm prazo de 30 anos e juros de mercado.

2 - Bônus ao Par - Não dão desconto sobre o valor renegociado. Têm prazo de 30 anos e juros tabelados, começando em 4% e terminando em 6,7%.

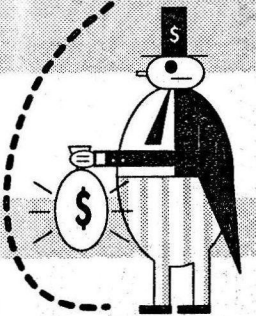
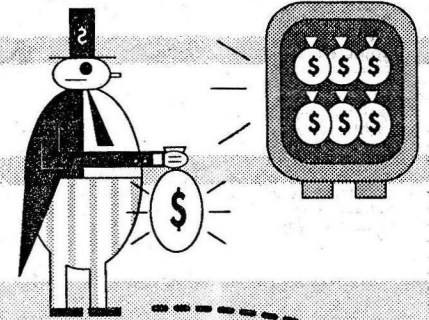
3 - Bônus de dinheiro novo - A dívida trocada por esse papel representa dinheiro novo para o País, no total de US\$ 300 milhões. Prazo de 15 anos, carência de 7 anos, pagamentos semestrais e juros de mercado.

4 - Bônus de Redução Temporária de Juros - Sem descontos. Prazo de 15 anos com 9 de carência. Juros tabelados (de 4% a 5%) até o sexto ano e de mercado nos anos seguintes.

5 - Bônus de Juros Atrasados - Sem descontos. Prazo de 12 anos com três de carência e juros de mercado.

6 - Flirbs - Papéis com prazo de 15 anos, carência de 9 anos. Os juros são tabelados até o sexto ano de pagamento; depois disso, juros de mercado. Pagamentos semestrais.

Fonte: Banco de Dados



**DART PODE
ACIONAR BC
NA JUSTIÇA
AMERICANA**

de seqüestro judicial. Assessores jurídicos do governo indicaram que, tecnicamente, seria muito difícil para o especulador norte-americano justificar perante um juiz uma ação dessa natureza, por causa da forma como os contratos estão escritos. Eles estão certos, no entanto, de que Dart acionará o BC na Justiça depois da efetivação do acordo. Estão se preparando para contestar e acham que o credor inconformado terá dificuldade também para convencer um juiz sobre o mérito de sua queixa.